

Julho de 1981



Jaime Salazar Sampaio

o desconcerto

PEÇA EM UM ACTO



com
o patrocínio
da Secretaria
de Estado
da Cultura

MORAES
editores

Jaime Salazar Sampaio

O DESCONCERTO

UFLA 01168



MORAES EDITORES

**COM O PATROCÍNIO DA
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA**

PISTAS/PALCO

Ao fundo e aos lados ruínas.

Espalhados pelo chão, os mais diversos destroços: ferros torcidos, restos de embalagens, etc.

Rodeada pelos destroços, como que emergindo deles, Helena, a protagonista, está sentada num amplo cadeirão de verga, com almofadas. Usa um vestido branco. Faz tricot, tendo perto dela uma revista de modas, que por vezes consulta. No seu trabalho usa lã branca. Junto ao cadeirão há uma mesinha com gavetas.

Em torno de Helena, emergindo também dos destroços, encontram-se isolados uns dos outros, alguns móveis e diversos utensílios, sugerindo o recheio de uma casa: um pequeno armário, um tanque de lavar roupa, um fogão a gás com uma panela e um fervedor ao lume, uma tábua de engomar com um ferro eléctrico, um banco, um candeeiro, etc.

O cadeirão de Helena, em evidência no espaço cénico, encontra-se numa zona bem iluminada. Dessa zona para a periferia a luz decresce, de modo que as ruínas mais afastadas se encontram já na penumbra.

Helena é uma mulher ainda jovem, plena de vitalidade.

Quando a acção tem início, Helena, enterrada no seu cadeirão, maneja em silêncio as agulhas de tricot. Um tempo. Pousa as agulhas no colo. Fecha os olhos. Um tempo.

HELENA *(Como se reproduzisse as palavras de outra pessoa)* Adeus. Não sei quando nos voltaremos a ver. Farei o possível por não pensar em ti. *(Reabre os olhos. Volta a tricotar em silêncio. Um tempo. Pousando o tricot, tom normal)* E beijou-me. *(Pausa)* Na boca. *(Longa pausa)* Esta minha boca. *(Pausa)* Aqui! *(Passa as costas da mão pela boca, lentamente, voluptuosamente. Sorri. Retoma o tricot)* Verdade seja que já o tinha feito. *(Volta a sorrir)* Uma porção de vezes. *(Pausa)* Noutras circunstâncias, é claro. *(Larga o tricot)* Também era melhor. *(Levantando-se, acaricia o ventre. Está grávida, mas só agora o Espectador se pode aperceber disso)* Chegar onde chegou, sem me ter dado um beijo. *(Com desembaraço, aproxima-se do fogão a gás. Destapa a panela. Prova. Volta a tapar. Retira o fervedouro do fogão e enche uma chávena de leite fumegante. Pousa a cafeteira. Apaga o bico de gás. Vai a provar o leite. Desiste. Sopra, a arrefecer o leite. Sem ter bebido traz a chávena até junto do cadeirão, poisando-a na mesinha, ao lado deste. De passagem, com a mão livre, corrige a posição de um banco de cozinha, verifica se a torneira do tanque está bem fecha-*

da, liga o ferro eléctrico, etc. Volta a sentar-se. Torna a provar o leite. Parece-lhe ainda muito quente. Retoma o tricot. Desdobra o trabalho já feito, que é uma faixa bastante larga, talvez o começo de uma envolta de bebé. Examina o tricot, com ar crítico. Conta as malhas que tem na agulha. Consulta a revista de modas. Murmurando) Uma laçada. Um mate simples. Três de meia... Uma laçada. Um mate. Uma laçada... (Sorri. Larga a revista. Tricota com toda a atenção, vagarosamente. Um tempo. Tricota, agora descontraída, com desembaraço. Um tempo. Tom colloquial) Partiu numa manhã de Inverno, bastante chuvosa. Ia transformar o Mundo. (Pausa) Pelo menos, foi o que ele disse. (Deixa de tricotar. Olha em frente. Um tempo) Não sei se o conseguiu, se mudou de ideias. (Pega na chávena. Sopra o leite. Vai a beber. Desiste. Volta a pôsar a chávena) De qualquer maneira não lhe dou os parabéns. (Volta a tricotar. Um tempo. Ouvem-se, ao longe, tiros de canhão. Depois, gritos, sirenes, o choro de uma criança, ladrar de cães, o crepitar de uma metralhadora, etc. Projectores varrem as ruínas. Cai um destroço em cena) Se este é o Mundo transformado pelo meu Alexandre... (Muito ao longe, ergue-se uma coluna de fumo) Francamente! (Tricotando distraidamente) E se mudou de ideias... Se, afinal de contas, partiu num dia chuvoso de Inverno p'ra transformar o Mundo e mudou de ideias... podia perfeitamente ter ficado em casa, acho eu. (Com ironia, sorridente) Que ele é que sabe, é claro.

Não é ele o homem? Pode, manda e sabe. (*Examina o tricot. A meia voz*) Pelo menos, em princípio, devia saber. (*Retoma o tricot. Subindo de tom*) Tinha essa obrigação, Alexandre! (*Longa pausa: numa primeira fase, tricota com desembaraço, para mais tarde ir diminuindo de ritmo, à medida que a expressão do seu rosto se desanuvia, acabando por sorrir*) Que eu até acho que ele bem podia... Pelo menos escusava de mudar de cidade, de atravessar fronteiras. (*Pausa. Com entusiasmo decrescente*) Podia fazer: «Pst! Olá!...». (*Pausa*) Uma vez por semana. (*Pausa*) Uma vez por mês. (*Pausa*) Pelo menos uma vez. (*Num fio de voz*) Uma única vez, pelo menos. (*Pára de tricotar. Ajeita as almofadas, em silêncio, procurando mudar de posição. Suspira. Instala-se confortavelmente*) Que eu, por mim, continuo a pensar que ele podia... mesmo que teimasse em transformar o Mundo... podia perfeitamente ter ficado em casa! (*Tricota em silêncio. Um tempo. Tom animado*) Nunca fui daquelas que metem o seu homem num armário, engolem a chave e rosnam, se outra fêmea passa pelos arredores. (*Deixando de tricotar, tom de confiança*) Quando elas voltejavam um bocadinho de mais em torno dele, não digo que ficasse assim muito satisfeita. (*Pausa*) Mas, enfim... não partia a loiça. Não fazia cenas. (*Hesitando ligeiramente*) Quase nunca. (*Sorrindo, de olhos semicerrados*) Tinha as suas mãos. O calor das suas mãos, percorrendo o meu corpo. (*Pausa*) Como garantia, chegava-me perfeitamente. (*Reabrindo os*